



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



França Júnior

Meia hora de cinismo



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Meia hora de cinismo

França Júnior

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1862.

Livro Digital nº 875 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Joaquim José de França Júnior

(1838 - 1890)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

MEIA HORA DE CINISMO

COMÉDIA EM UM ATO



(*Estudante do 49º ano da Faculdade de Direito de São Paulo*)

À QUEM LER

Duas palavras sobre aqueles que, na noite de 17 de julho de 1861, tanto contribuíram para o bom acolhimento, e feliz sucesso de minha primeira composição.

Apresentando-me pela primeira vez perante uma plateia inteligente e ilustrada, dependia todo o meu futuro dos artistas poderosos e eminentes, que pudessem com o seu talento suprir o que a pena me negara.

Era assim que, depositando todas as minhas esperanças no Sr. Furtado Coelho e na Sra. D. Eugênia Câmara, e nos senhores Leal, Peregrino, Henrique e Joaquim Câmara, não fui iludido; e os aplausos que obtive a *Meia Hora de Cinismo* vieram confirmar mais uma vez o talento brilhante dos dois primeiros artistas, e o merecimento dos outros.

Excetuando o Sr. Furtado Coelho e a Sra. D. Eugênia Câmara, artistas superiores a todos os elogios, sem ofender o merecimento dos outros, eu destacarei do grupo o Sr. Leal, que na parte do Frederico fez quanto pode fazer um ator de talento e dedicação pela arte. Oxalá receba sempre o Sr. Leal as lições daquele que tanto tem contribuído para melhorar o teatro de São Paulo, e o seu nome será em breve uma glória para o nosso palco.

O Sr. Peregrino posto que lhe tocasse um papel de pequena importância, deixou contudo entrever a habilidade de que é dotado.

Os Srs. Henrique e Joaquim Câmara identificaram-se perfeitamente com os tipos que concebi.

Com tais soldados a vitória é certa.

PERSONAGENS:

NOGUEIRA (estudante do segundo ano)

FREDERICO (bicho, estudante de preparatórios)

NEVES (estudante do terceiro ano)

MACEDO (estudante do quarto ano)

JACÓ (negociante)

TRINDADE (calouro)

UM OFICIAL DE JUSTIÇA

A cena passa-se em São Paulo. Atualidade.

ATO ÚNICO

O teatro representa o quarto de Trindade; ao fundo uma porta aberta e uma janela; duas portas laterais. Junto à janela um cabide com alguma roupa em desordem, uma estante com livros encostada à parede do fundo. A direita um piano, uma mesa no centro com livros espalhados, e à esquerda uma cama com os lençóis e um cobertor encarnado em desalinho. Cadeiras, etc., etc.

CENA I

Ao subir o pano ouve-se dentro uma gritaria infernal, na qual devem sobressair as palavras: ó calouro, ó burro, ó ladrão de galinhas, ó desfrutável, etc.

TRINDADE (*só, entrando furioso pela porta do fundo*)

Berra, canalha!... Miseráveis!... Infames que assentam em desmoralizar um homem, qualquer que seja o lugar em que se ache. (*Pausa: mudando de tom*) São gaiatices do senhor Nogueira. (*Voltando-se para a plateia*) Os senhores acham isto bonito?

Quase todos os senhores são veteranos, pois bem; coloquem-se na minha posição, e façam ideia com que cara passa um homem pela rua sacudido por uma vaia como esta que acabo de tomar! Todas as janelas se abriram, milhares de caras às gargalhadas gritavam na minha passagem, *ó burro, ó desfrutável, ó ladrão de galinhas!*... Ora, senhores, chamarem burro a mim que fiz há dias uma sabatina brilhante em Direito Natural, sim, senhores, *(com expressão)* uma sabatina brilhante, brilhantíssima. Ao apelo de meu nome marchei majestoso para o banco augusto dos eleitos, e então pela primeira vez elevei minha voz eloquente no sagrado recinto do templo da ciência. Os senhores não foram à feijoada? Pois não sabem o que perderam. Mas ah! qual não foi a minha desesperação, quando, depois dos parabéns e abraços dos meus colegas, vejo-me cercado nos gerais da Academia por um grupo de segundanistas que, atochando-me um barrete vermelho na cabeça, obrigaram-me a correr pelo Largo *à guise* de uma vítima do Santo-Ofício! Julguei-me no meio de uma horda de selvagens, de Cafres, de Hotentotes, de Antropófagos, sim, de Antropófagos, porque estava vendo a hora em que me comiam, em que me devoravam! Quis resistir; porém quatro valentes piúvas, e milhares de punhos fechados que surdiram como por encanto do grupo negro que me cercava, embargaram-me a voz na garganta, e então pela primeira vez em minha vida tremi; tremi, não o nego, mas foi de raiva. *(Indo à porta do fundo, e falando para fora)* Hão de me pagar, miseráveis; hei de lhes mostrar que não se desmoraliza um homem impunemente.

Berra, canalha, que eu hei de a cacete
Rachar a cabeça de algum valentão,
Pregarem uma vaia, domingo, na rua
Num homem como eu que já tem posição!

Infames! eu juro que a minha vingança
Cruel e terrível tremenda há de ser,
Quão pode um calouro ferido em seus brios
Eu juro, canalha, que em breve hão de ver.

Berra, canalha, que eu hei de a cacete

Rachar a cabeça de algum valentão,
Pregarem uma vaia, domingo, na rua
Num homem como eu que já tem posição!

Do sangue beber-lhes, de acre vingança.

Mas ah! agora é que me lembro que ainda não almocei... (*Puxando o relógio e vendo as horas*) Bem; ainda falta um quarto para as onze: hoje é domingo, e meus companheiros não almoçam senão lá para o meio-dia; provavelmente ainda estão dormindo, vou acordá-los. (*Vai sair pela porta do lado direito na mesma ocasião em que entra Nogueira pela do fundo, olha meio atrapalhado para Nogueira, que ri às gargalhadas na ocasião em que ele sai*)

CENA II

NOGUEIRA (*só, fumando um cigarro*)

Que impagável calouro! É pior do que uma barrica de pólvora inglesa. Não se me dá de apostar que se ele pilhasse uma pistola fazia-me alguma gracinha. Mas, coitado! prescindindo do desfrute e de todas essas susceptibilidades próprias da posição que ocupa, é uma bela alma; fornece-me todos os dias cigarros, e ontem levou a bondade ao ponto de pagar-me um bilhete de plateia. Mas onde está essa gente? (*Virando-se para a porta do lado direito*) Ó Macedo! (*Voltando-se para o lado esquerdo*) Ó Frederico!

CENA III

O mesmo, Frederico e Macedo.

MACEDO (*de dentro*)

O que queres?

NOGUEIRA

Vamos à prosa. (*Macedo e Frederico entram pela porta do lado direito*)

FREDERICO (*palitando os dentes*)

Desconheci agora a tua voz: pensei que fosse o Araújo.

MACEDO (*deitando-se na cama, também palitando os dentes*)

O que há de novo por aí, Nogueira?

NOGUEIRA

O que há de novo? Pois vocês não sabem?

MACEDO

Se soubéssemos não te perguntaríamos.

NOGUEIRA (*sentando-se*)

Pois bem; vou contar-lhes. Há pouco estava eu na janela do meu quarto com o Albuquerque, o Inácio, o Martins, e mais uns quatro ou cinco colegas do Neves, que vão todas as manhãs filar-lhe o café de máquina, quando vejo sair do Largo do Pelourinho, e dobrar a Rua da Glória a impagabilíssima figura do Trindade. O homem, apenas avistou-nos, veio cambaleando e tropeçando em quanta pedra encontrava pelo caminho. Descrever então o que se passou é impossível! Insensivelmente seguro em uma lata de folha que tinha debaixo de minha mesa... (*Mudando de tom*) Mas entre parêntesis, vocês já almoçaram?

FREDERICO

Não nos vêes de palito?

NOGUEIRA (*rindo às gargalhadas*)

Que pagode: faço ideia como não estará o Trindade furioso.

FREDERICO e MACEDO (*admirados*)

Pelo quê?

NOGUEIRA

Pela tremendíssima hipótese de almoço que vocês lhe pregaram. O homem hoje faz um assassinato.

FREDERICO

O almoço estava marcado para as dez e meia horas; ele chegou depois da hora, a culpa não é nossa: queixe-se de si.

MACEDO

Ora, o que é uma hipótese de almoço? Console-se comigo que já tenho tomado muitas de almoço, jantar e chá.

FREDERICO (*sentando-se em uma extremidade da cama em que se acha Macedo*)

Se eu contar a vocês o que se passou comigo há quatro anos, talvez não me acreditem. Estava eu nesse tempo no colégio do João Carlos, e estudava alguns preparatórios que me restavam para largar a maldita casca de bicho, casca que até hoje ainda possuo, e julgo possuirei *per omnia saecula saeculorum*, se Deus me der vida e saúde, quando em um belo sábado, saindo do colégio, deliberei lá não voltar senão daí a uma semana; por outra, resolvi ficar na pândega para entregar-me aos doces prazeres de uma tacada de bilhar no Lefebre, e respirar o ar puro e livre das ruas que eu só via aos domingos e dias santos. Mas desgraçadamente meus cálculos falharam, pois meti-me na noite em que saí do colégio em um malfadado *lansquenet*, e perdi, ainda me lembro com grande dor, uns magros dez mil réis com que procurava satisfazer todos os meus sonhos e ambições de cascabulho. Saí da tal casa leve como uma pena, sem um real no bolso, disposto já a vagar pelas ruas até que rompesse a aurora, quando encontrei-me com o Martins.

NOGUEIRA

Quem? o Martins que é hoje meu colega?

FREDERICO

Não: aquele bicho muito pagodista que foi recambiado para o Rio.

NOGUEIRA

Ah! sim, já sei quem é.

FREDERICO

Mas, como ia dizendo, encontrei-me com o Martins, e conto-lhe imediatamente o ocorrido; ele solta uma risada, e diz-me que se achava nas mesmas condições, isto é, sem dinheiro, mas que entretanto morava já há dois dias (note-se que o Martins também estava fugido do colégio) em uma casa que um estudante do 4º ano tinha deixado alugada nas férias. Introduzimo-nos na tal casa, e aí (ah! nem sei como o conte) passamos quatro dias a pêssegos verdes, que em ceroulas colhíamos com as nossas próprias mãos de um rafado pessegueiro que havia no quintal, como outrora a boa mãe Eva no estado primitivo colhia os frutos da árvore proibida. No quarto dia eu estava mais magro que um canivete do Capitão, e o Martins foi transportado para o colégio, por ordem do correspondente, com uma tremenda inflamação de intestinos. (*Riem-se todos às gargalhadas*)

NOGUEIRA

A poesia da nossa vida consiste nesses belos episódios. (*Para Macedo*) Ó Macedo, dá-me um cigarro.

MACEDO (*tirando um cigarro do bolso, e atirando para Nogueira*)

Tome, e sem exemplo. Na Rua de São Gonçalo há muito bons: mande comprar.

NOGUEIRA (*prepara o cigarro, e tirando uma caixa de fósforos de cima da mesa, acende-o*)

Não duvido: porém eu prefiro os teus. (*Mudando de tom*) Silêncio, que se não me engano aí vem o Trindade.

CENA IV

Os mesmos e Trindade.

(*À entrada de Trindade todos olham para o teto, palitando os dentes. Trindade fica por algum tempo mudo, e para disfarçar a sua perturbação, segura em um livro que se acha em cima da mesa. Frederico, Nogueira e Macedo procuram abafar o riso*)

NOGUEIRA (*dirigindo-se a Trindade*)

Bom dia, doutor.

TRINDADE

O senhor é bem ordinário, tão ordinário que não me abaixo a responder-lhe; e se não fosse atender à consideração de achar-se o senhor em meu quarto, já há muito lhe teria quebrado uma cadeira nas costas.

NOGUEIRA

O doutor está realmente queimado! quer que lhe vá buscar um copo com água? *sans façon*, sem cerimônia.

TRINDADE

Senhor Nogueira, senhor Nogueira, não me insulte que eu hoje perco-me.

NOGUEIRA

Que mal lhe fiz eu, doutorzinho? Dar-se-á caso que, sem o saber, lhe tenha invadido a esfera jurídica?

TRINDADE

O senhor ainda se atreve a perguntar-me que mal me tem feito? Quando em plena rua se insulta um homem e o desmoralizam só pelo simples fato de se achar ele ainda no princípio de sua carreira; quando chama-se a um homem de burro e ladrão de galinhas, sem que ele tenha ainda revelado estupidez, nem atacado galinheiro de casa alguma, é preciso ter sangue de barata, senhor Nogueira, para não calcar um miserável deste a pés, e encher-lhe a cara de bofetadas. (*Avançando para Nogueira*)

NOGUEIRA (*pondo uma cadeira de permeio*)

Não quer sentar-se, doutor?

TRINDADE

Miserável!

FREDERICO

Deixa-te de queimações estúpidas, Trindade, o Nogueira não tem culpa da hipótese que tomaste.

TRINDADE

Também você, sô gaiatão, quer divertir-se à minha custa? Vamos lá, não tem mais nada para dizer? Ora, que eu seja nesta casa debicado até por um bicho! Olhem por favor para aquela cara.

FREDERICO

Não é lá das piores, não é das mais feias.

TRINDADE

O senhor acha que eu sou o palito cá da casa?

NOGUEIRA (*para os dois*)

Psica, psica: segura Minerva, (*para Trindade*) pega Turbante. (*Para Frederico*) Psica, psica.

TRINDADE

Psica, sô miserável, diz-se aos cães e cão é você que vem aqui todos os dias filar cigarros e mendigar muitas vezes objeções de Eclesiástico ao Macedo, para fazer, além de tudo, um papel ridículo na sabatina. Eu sou calouro, é verdade, porém a primeira vez que falei em público, não desonrei o meu nome, nem salpiquei de lama a ilustre classe a que pertença. Vá perguntar aos colegas que figura fez o Trindade na sabatina outro dia? E eles todos responderão: — É a primeira que tem aparecido até o presente.

FREDERICO e NOGUEIRA (*tocam o bitu e gritam*)

Viva o Trindade! Viva! Viva!

MACEDO (*segurando no braço de Trindade, procura levá-lo para fora do quarto*)

Vai-te embora, Trindade, que tu estás te prestando à vista aqui destes senhores. (*Apontando para a plateia*)

NOGUEIRA

Deixa o calouro, Macedo, agora é que ele está começando a ficar impagável.

TRINDADE

Eu vou, senhor Macedo, e acredite que se não quebro as vendas deste patife (*Apontando para Nogueira*) é em consideração ao senhor. (*Indo à direita*) O moleque, quando estes senhores saírem fecha a porta do meu quarto. (*À parte*) Hei de acabar com o tal pagode.

FREDERICO (*a Nogueira*)

Vamos para o meu quarto, antes que o Trindade quebre-nos as vendas. Além disso eu tenho que te falar.

(*Frederico e Nogueira saem pela porta da esquerda*)

TRINDADE (*à parte*)

Já tenho minha resolução formada, hoje mesmo ponho-me no olho da rua, e ficarei livre dessas amolações contínuas. (*Sai pela porta do fundo*)

CENA V

MACEDO (*só*)

É hoje o dia em que tem de vencer-se essa maldita letra, e até o presente não sei o que fazer, não tenho um real, e nem sei mesmo onde buscar dinheiro para satisfazer esse compromisso de honra. Concordo que deixei-me arrastar por alguns momentos nesse turbilhão de loucuras que se me apresentou, sem pensar, nem refletir; porém quando a minha honra e o meu crédito podiam prejudicar-se, a razão falou mais alto, e então fugi. Não querendo comprometer a minha dignidade, assinei essa letra e não posso pagá-la. Oh! malditos sejam todos esses credores! (*Sai pela direita*)

CENA VI

NEVES (*só, entrando pela porta do fundo, fumando um cigarro, com as mãos no bolso do chambre, passeia por algum tempo distraído pela cena, senta-se em uma cadeira, e diz pausadamente*)

Que cinismo! (*Sai lentamente pela porta da direita*)

CENA VII

Nogueira e Frederico (entrando pela esquerda).

FREDERICO

É o que te digo, Nogueira, hoje vence-se uma letra que o Jacó obrigou o Macedo a assinar — está portanto realmente encalacrado. Aquele maldito verdugo é capaz de fazer-lhe alguma, e eu antevejo um resultado bem funesto em tudo isso.

NOGUEIRA

Deixa o negócio por minha conta, e verás como se trata um credor de estudante. Acredita, Frederico; um credor de estudante é o animal mais covarde que pisa o solo de São Paulo: com quatro gritos e meio abrandando-se e humilha-se como o mais inocente cordeirinho. E então este que foge de um estudante atrevido, como o diabo da cruz! Além disso o Macedo é filho-família, e em face da nossa legislação não é responsável pelas dívidas que contrai; se quiser pagar é somente para salvar a sua dignidade.

FREDERICO

E tu sabes qual é a Ordenação que trata disso para lermos ao Jacó, quando ele vier?

NOGUEIRA

Não, porém é o mesmo: improvisa-se qualquer Ordenação, e ele engolirá a pílula com a mesma facilidade com que qualquer de nós engole uma das do Etchecoin. Deixa o negócio por minha conta e verás.

FREDERICO

Não faças alguma das tuas costumadas pagodeiras, que podes comprometer o Macedo. Eu falo-te com experiência; estou aqui há mais tempo que tu, e em uma ocasião quase fui fazer Companhia ao Taborda por uma brincadeira desse gênero.

NOGUEIRA

Por falar em Taborda: lembras-te daquela noite em que o Vilares foi encontrado pela patrulha nos degraus da Igreja da Sé mais bêbado do que um marinheiro inglês em terra, e que daí foi levado em braços para a cadeia?

FREDERICO

Se me lembro! Nessa noite tomei eu uma carraspana de conhaque que deu-me para quebrar quantos lampiões encontrava pelas ruas. É que a claridade me fazia mal.

NOGUEIRA

O pagode não termina aí: o melhor foi sair o Vilares no dia seguinte pelo Largo da Cadeia de chambre e gorro bordado. Com que cara amarrotada vinha o pobre coitado; isso, porém, não o impedia de marchar ovante e pretensioso como um sultão. Está hoje formado, casado, e dizem que é um excelente pai de família.

FREDERICO

Ó *tempora!* ó *mores!* Que belos tempos! (*Suspirando*) Tens ai...

NOGUEIRA

Um cigarro? Ia te fazer o mesmo pedido.

FREDERICO

Pois deixa de ser filante, que é coisa muito ridícula.

NOGUEIRA

Qual, isto é boato espalhado pelos vinagres. Mas, mudando de assunto, já sabes por quem o Trindade está solenemente apaixonado?

FREDERICO (*sentando-se na cadeira*)
É moléstia de cabeça, não faça caso.

NOGUEIRA
Não, é real: é pela filha do Juca do Braz. Passa por lá todas as tardes, e é raro o dia que não venha para casa meio triste e meio alegre.

FREDERICO
Explica-te.

NOGUEIRA
Alegre, porque vê a bela, e triste, porque lhe dão vaias. A vaia parte da casa do Martins, e amanhã convidou-te para apreciarmos de lá o pagode. É uma paixão de Otelo!

FREDERICO
Qual, isto é um gracejo teu, porque realmente a *Desdemonda* é uma lambisgoia.

NOGUEIRA
É uma paixão diabólica que o levou à loucura de empenhar um fraque! Isto deu lugar a que o Martins parodiasse esta poesia do Furtado Coelho: *Quero fugir-te, mas não posso, ó virgem.*

FREDERICO
E sabes a paródia?

NOGUEIRA
Lá vai. (*Sentando-se ao piano*) — Quando pretendem vocês mandar levar este piano lá para a casa? Vocês souberam mandar buscá-lo para o pagode, mas...

FREDERICO
Recita a poesia, e deixa-te de maçadas.

NOGUEIRA (*acompanhando o recitativo*)

Quero fugir-te, mas não posso, ó fraque,
Ah! sou levado pela onça ingrata!
Quero fugir-te, mas fatal ataque
Me lança em terra, me desgraça e mata!

Lançado ao prego és meu vedado pomo,
Ninguém no mundo minha dor compreende,
Quero fugir-te, quero, sim, mas como?
Se a tua gola me sorri, me prende?

Para enganar-me digo muitas vezes,
Que és velho, infame, que é loucura amar-te:
Então me lembro que não há dois meses,
Que eu fui à casa do Fresneau buscar-te.

Oh! Quantas vezes eu passava as horas,
Mirando as graças de teu talhe airoso,
Hoje perdido para mim tu choras,
Pendido ao prego, ferrugento, idoso.

Fraque querido... (*Representando*)
O diabo, não me lembro do resto.

FREDERICO

Bravo, bonito, sim senhor.

CENA VIII

Os mesmos e Neves.

NEVES (*entrando pela direita*)

Que cinismo! Meus senhores, estou-os cumprimentando. (*Tira do bolso um canivete e, deitando-se na cama, começa a aparar as unhas*)

FREDERICO

Que furioso cínico! É capaz de levar todo o dia ali naquela cama, aparando unhas, e contando as tábuas do teto. Em São Paulo há

duas classes de vadios: uns que, parecendo ter o dom da ubiquidade, se apresentam em toda a parte, em bailes, teatros, festas de igreja, leilões do Joly, novenas, etc., menos na Academia; outros que, inimigos do progresso e da atividade, passam a vida no *dolce farniente*, gramaticalmente estendidos em uma cama, onde deixam à vontade crescer o abdômen. Tu pertences à primeira seita, e cá o senhor, que está deitado, à última.

NOGUEIRA

Fechaste a porta do meu quarto quando saíste, Neves?

NEVES (*pausadamente*)

Sim, fechei. (Muda de posição na cama)

FREDERICO

Tens um companheiro de casa assaz divertido!

NOGUEIRA

Há dias que não diz uma palavra; no entretanto é o homem que mais aprecia uma prosa, deitado em uma boa cama, já se sabe, sem nada dizer, mas pronto para tudo ouvir. E sabes qual é a especialidade de prosa que ele mais aprecia?

FREDERICO

Sem dúvida caçada de veados ou cruzamento de raças de cavalos?

NOGUEIRA

Nada, coisa mais séria; é a tese das teses — a vida alheia. Respeita-o como uma das primeiras rabecas de São Paulo: toca admiravelmente variações sobre motivos de qualquer tema; tem arcadas de Paganini. Também não respeita ninguém: e um verdadeiro pagão!

FREDERICO

E qual é o sistema da rabequeação que ele mais aprecia? Sim, porque há diversos sistemas de rabequear.

NEVES

Falem mais alto que eu também vim para a prosa.

NOGUEIRA

Falamos dos diversos sistemas de rabequeação, e o Frederico tem a palavra.

FREDERICO (*em atitude magistral*)

Pois, meus amigos, pela experiência que tenho, atrevo-me a oferecer-lhes uma brilhante preleção sobre este assunto. Querem?

NOGUEIRA

Sim, venha lá isso.

NEVES

Topo.

FREDERICO (*com dignidade cômica*)

Há sujeitos que rabequeiam de uma maneira insinuativa: eu me explico melhor — há Sujeitos, por exemplo, que nas suas arcadas dizem: "O Nogueira é um tratante, um canalha, um miserável, um caloteiro, mas no entretanto é bom moço, cumpre as suas obrigações, tem boa alma, toma regularmente a sua carraspana, por divertimento, já se vê, desmoraliza-se em lugares públicos, mas não é mau rapaz, tem bons sentimentos." Este é o sistema aristocrático, rabeça de salão, e que tem grande número de sectários. O segundo é o sistema dos *ronhas*. O *ronha* é o homem que exerce a *ronha*. *Aronha* pode-se estender a todos os atos humanos: assim é, por exemplo, *ronha* o beato ou o hipócrita que, acabando de bater nos peitos na igreja, vem cá fora entregar-se religiosamente às delícias de Cápua. Parece-me que não há estudantes dessa natureza; no entretanto, se é que há, sou de opinião que andem de mantilha para se distinguir dos outros. Mas a *ronha*, aplicada especialmente à hipótese vertente, é um certo desprezo e mesmo rancor que alguns sujeitos parecem afetar em uma prosa de vida alheia, mas que entretanto extasiam-se às mais pequenas notas do instrumento divino, como o poeta se expande diante do belo. Estes entram

somente de ouvido, e são tantos os sectários como os admiradores do Padre Pereira.

NOGUEIRA

A comparação é mesmo de bicho.

FREDERICO

Não me interrompa. O terceiro sistema é o dos que falam mal de tudo e de todos e não encontram nos homens senão defeitos: é o exclusivismo, e peca como todos os sistemas exclusivistas.

NOGUEIRA

É o sistema do Neves.

FREDERICO

Justamente.

NEVES

Não tanto.

FREDERICO

O quarto sistema é o dos que rabequeiam por mero passatempo, para suavizar as horas de cinismo. E este o sistema que quase todos nós seguimos, é o menos nocivo, e o que produz menos males, porque não é o ódio nem o rancor que preside a prosa, mas apenas um desejo de pagode. Tais são, senhores, as observações que tenho colhido de minha longa vida de bicho, e que procurarei ir aperfeiçoando com o correr dos tempos.

NOGUEIRA

Bravo! Falas com a experiência de um velho: és um alcorão; entretanto esqueces o sistema dos mitras, que tecem os maiores panegíricos a um sujeito pela frente e por detrás não são rabecas, são rabecões.

FREDERICO

Cada dia aparecem novos sistemas, e eu ultimamente não estou muito a par do progresso da ciência, porque os credores não me deixam pôr o nariz na rua.

NEVES

Vocês estão muito cínicos.

NOGUEIRA (*rindo-se*)

Este desgraçado ainda acaba tocando realejo para se distrair.

FREDERICO

Ó Neves! Diz alguma coisa para animar a prosa: estás mesmo de neve.

NEVES

Vocês estão estupidamente cínicos: eu me retiro. (*Levanta-se da cama e sai pela porta do fundo*)

FREDERICO

Ó Neves! Amanhã aparece mais cedo para prosearmos.

(*Nogueira e Frederico riem-se às gargalhadas*)

CENA IX

Frederico, Nogueira e Trindade.

TRINDADE (*entrando com dois negros, aponta para as canastras*)

Rapaz, segura ali. (*Virando-se para o outro negro*) — Rapaz, ajuda ali teu parceiro. Irra! Hoje acaba-se o pagode, mudo-me, e está tudo decidido.

NOGUEIRA (*para Frederico*)

É preciso abrandarmos o homem. O Macedo, quando souber que fui eu a causa da mudança do calouro, queima-se comigo, e eu não estou para indispor-me com ele. Não quero ser o pomo de discórdia desta casa. Vou fazer as pazes com o calouro. (*Para Trindade, batendo-*

lhe no ombro) Não sejas criança, Trindade, foi uma brincadeira própria de rapazes.

TRINDADE

Vá-se embora, senhor, não me aborreça.

FREDERICO

Você também cavaqueia com qualquer coisa, encordoa por uma bagatela.

TRINDADE

Pois é qualquer coisa, é bagatela ser um homem constantemente amolado, não poder dizer uma palavra que não lhe respondam com quatro gargalhadas, não poder sair à rua sob pena de lhe gritarem: *à burro, ó sandeu, à calouro?* Isto é bonito? É próprio de moços decentes e civilizados que frequentam os bancos de uma Academia?

NOGUEIRA

Concordo com tudo que quiseses; mas dá-me um abraço e façamos as pazes. (*Trindade deixa-se abraçar um pouco friamente*) Manda os pretos embora, e continua a viver com os teus companheiros que te estimam como um bom menino que és. Deixa-te de criançadas, e viva a pândega!

TRINDADE

Pois bem, se juram doravante tratar-me como um companheiro de casa, e não como um cão, fico.

NOGUEIRA e FREDERICO

Juramos.

TRINDADE (*virando-se para os negros*)

Ponham-se fora.

(*Os negros saem*)

NOGUEIRA (*abraçando a Trindade*)

Viva a conciliação! Se tivéssemos uma boa garrafa de vinho, poderíamos tornar mais solene este tratado de paz.

TRINDADE

Se prometem cumprir o juramento, isso é o que menos custa. Tenho ali na canastra duas garrafas de vinho que me restaram do pagode que dei no dia de minha sabatina...

NOGUEIRA (*à parte*)

Sempre desfrutável.

FREDERICO (*à parte*)

Lá vem a sabatina.

TRINDADE (*continuando*)

...e podemos esvaziá-las.

FREDERICO e NOGUEIRA

Prometemos.

NOGUEIRA

Eu ainda levo a minha promessa mais longe: prometo que de hoje em diante serei o teu mais fiel e dedicado amigo. (*À parte*) Ó mágico poder do vinho.

TRINDADE

Pois bem, viva a rapaziada e vamos à pândega. (*Enquanto Trindade tira as garrafas da canastra, Frederico e Nogueira fazem-lhe gaifonas pelas costas*) Aqui estão, rapaziada. (*Dá uma garrafa a Nogueira e fica com a outra*)

CENA X

Os mesmos e Macedo.

MACEDO (*à parte*)

Aproxima-se o momento fatal: é quase meio-dia, e o verdugo não tarda a aparecer. (*Reparando para o grupo*) Pois quê, já fizeram as pazes?

NOGUEIRA

Não há copos nem saca-rolha.

FREDERICO

Saca-rolha há um aqui em cima da mesa. (*Tira o saca-rolha e dá a Nogueira*) Quanto a copos dispensa-se perfeitamente, podemos beber pela garrafa — é mais clássico.

TRINDADE

Está dito, vai-se ao gargalo. (*Recebe o saca-rolha e abre a garrafa*)

NOGUEIRA

Viva o Trindade. (*Bebe*)

FREDERICO (*tirando-lhe a garrafa*)

Alto frente: ainda não bebi. À saúde de sua brilhante sabatina, senhor Trindade. (*Vira a garrafa*)

TRINDADE

Meus senhores, um brinde: à saúde da emancipação do primeiranista, e à morte de todos esses prejuízos acadêmicos que herdamos da velha Coimbra. À saúde de todas aquelas por quem nossos corações palpitam.

NOGUEIRA (*para Frederico*)

Percebo. À filha do Juca do Braz.

TRINDADE

Viva a mocidade inteligente e briosa que abandonando, que abandonando, que...

FREDERICO (*à parte*)

Temos cabeleira.

NOGUEIRA

Não se engasgue, dê-me o caroço.

TRINDADE

...as afeições mais caras, o lar doméstico e a terra que lhe deu o ser, vêm, longe de tudo isso, conquistar os louros que engrinaldaram a frente de Homero, Tasso, Petrarca, Dante e Camões que, cantando as ações heroicas dos Lusitanos, enxergava um horizonte de glórias no futuro.

FREDERICO

E assim mesmo não via pouco; olhe que tinha só um olho.

NOGUEIRA

Pelo menos assim o diz a história.

TRINDADE (*pulando em cima da cadeira com entusiasmo*)

Vou arrematar este brinde, senhores, bebendo à saúde daquelas ideias que mais se harmonizam com o estado de perfectibilidade e civilização dos povos: à saúde das ideias republicanas. (*Vira a garrafa toda*)

Viva o Porto,
Viva o Madeira,
Não é tolice
Uma cabeleira.

(*Todos, menos Macedo*)

Viva o Porto,
Viva o Madeira,
Não é tolice
Uma cabeleira.

NOGUEIRA (*à parte*)

O vinho já começa a fazer efeito antes de tempo. (*Para Trindade*) Passa-me a garrafa.

TRINDADE (*descendo da cadeira*)

Já não há mais nada. (*Vira a garrafa de boca para baixo*)

MACEDO (*que durante esse tempo passeia pensativo*)

Entretanto esqueceram-se de mim.

NOGUEIRA

Pois também estás hoje tão cínico! não sei o que tens.

TRINDADE (*mal podendo suster-se em pé*)

Que diabo, anda-me tudo à roda... o tal vinho é forte. O Nogueira, tu estás meio fardado, fala franco. Está-me tudo a andar à roda... O Nogueira, anda cá, dá-me ali aquela vela para acender um cigarro. (*Mete a mão no bolso, e tira da algibeira um lápis que põe na boca, julgando ser um cigano*) Que diabo tem este fumo? (*Olhando para o lápis*) Está furado. (*Atira o lápis no chão*)

FREDERICO (*encostando-se à mesa*)

Furada está a tua cabeça.

NOGUEIRA

De que cor é esta linha, Trindade?

TRINDADE

Que pagode, minha comadre. Vem cá, Mariquinhas, não fujas; olha que é teu benzinho quem fala.

NOGUEIRA (*segurando em Macedo, e puxando Frederico*)

Não sejam cínicos, vamos formar aqui uma pândega, e apreciar o Trindade enquanto está impagável. Dance-se o cançã, e viva o pagode.

(*A orquestra toca a última quadrilha da "Corda Sensível"; Frederico e Nogueira dançam um cançã desesperado, e Trindade sempre cambaleando*)

embrulha-se no cobertor encarnado, trepa em cima da cama, e aí dança um canção infernal, no meio do qual Jacó aparece no fundo, e o canção ainda continua)

CENA XI

Os mesmos e Jacó.

JACÓ (*entrando*)

Com licença, meus senhores. (*Macedo e Frederico escondem-se na porta da esquerda. Nogueira para espantado, olhando para Jacó, e Trindade pulando da cama e indo de encontro a Jacó, obriga-o a valsar pelo meio da cena, e largando-o de repente, atira-o de costas*) É desta maneira (*Levantando-se e sacudindo a roupa*) que os senhores recebem as pessoas? (*À parte*) Se não viesse buscar dinheiro... é preciso humilhar-me para ver se o pilho. (*Alto*) Não sabem dizer se o senhor Doutor Macedo está em casa?

NOGUEIRA

Julgo que não. O senhor deseja alguma coisa? É sem dúvida dinheiro que vem buscar?

JACÓ (*risonho*)

Como o senhor doutor adivinha; é isso mesmo. Vossa senhoria é muito pitoresco. Vence-se hoje uma letra que o senhor Doutor Macedo assinou, e eu vim buscar os 300\$000 por que ele se obrigou.

NOGUEIRA

Queira sentar-se.

(Na ocasião em que Jacó vai sentar-se, Trindade puxa-lhe a cadeira, e atira-o de costas)

JACÓ (*furioso*)

O senhor não me deixará! (*À parte*) Este sujeito está bêbado.

TRINDADE (*batendo-lhe no ombro*)

Excelso vinagrão, eu te saúdo.

JACÓ (*risonho*)

Isso é lisonja, senhor doutor.

NOGUEIRA (*vai buscar o violão, e vem sentar-se em cima da mesa ao pé de Jacó*)

Tenha a bondade de explicar-se pausadamente para que eu o entenda.

JACÓ

Eu já disse ao que vim. (*Nogueira acompanha-lhe a frase a violão*)

NOGUEIRA

Pode continuar.

JACÓ

O senhor Doutor Macedo deve-me já há dois anos 300\$000 (*Nogueira acompanha-o a violão*) e para garantia dessa dívida pedi-lhe que me assinasse uma letra... (*Acompanhamento de violão*) Senhor doutor, olhe que falo sério: deixe-se de caçoadas. (*Acompanhamento de violão*)

NOGUEIRA

Senhor Jacó, tenha a bondade de falar outra vez e repetir o recitativo, para ver como é sonoro este acompanhamento. (*Fere o Violão*)

JACÓ (*levantando-se*)

Eu não vim aqui para ouvir música, senhor doutor; quando quero vou às retretas.

NOGUEIRA

Está incomodado, senhor Jacó? A retrete é no fundo do corredor à esquerda. (*Indicando a porta da direita*)

JACÓ

Só o que desejo é falar com o senhor Doutor Macedo. (*Acompanhamento*)

FREDERICO (*para Macedo*)

O Nogueira com aquele debique é capaz de comprometer-te.

MACEDO

Haja o que houver eu não apareço.

NOGUEIRA (*continuando a tocar*)

Ora, senhor Jacó, esqueça-se disso: o Macedo está sem dinheiro, e ainda mesmo que tivesse é filho-família, e não é responsável pelas obrigações que contrai.

JACÓ (*furioso*)

Não é responsável, senhor doutor! não me diga isso: a letra está assinada por ele, e em nome de sua dignidade deve pagá-la.

TRINDADE (*dando uma encapelação em Jacó*)

Está queimado! Viva o rei dos Vinagres!

JACÓ

Olhe que o senhor está me fazendo chegar a mostarda ao nariz.
(*Faz menção de avançar para Trindade*)

NOGUEIRA (*empurrando-o*)

Ponha-se fora.

FREDERICO (*entrando em cena*)

Fora! fora!

(*Trindade dá uma porção de encapelações em Jacó, Nogueira dá-lhe com o violão nas costas, e Frederico ri-se às gargalhadas*)

MACEDO (*entrando*)

O homem queima-se e é capaz de fazer alguma.

JACÓ (*sai pela porta do fundo aos empurrões, e voltando, para na porta*)
Isto é um estorpiço, é um vandalismo. Por terem força julgam-se uns Rockchilles. Hei de mostrar o que é um negociante ofendido em sua dignidade! Eu já volto acompanhado. (*Sai*)

CENA XII

Frederico, Nogueira, Macedo, Trindade e depois Neves.

TRINDADE (*ainda envolvido no cobertor encarnado, deita-se de barriga para baixo em cima da cama*)
Que pagodeira!

NEVES (*entrando com toda a fleugma*)
Que algazarra foi esta que vocês fizeram?

NOGUEIRA
Foi uma pequena correção doméstica em um credor.

MACEDO
Vocês com o seu pagode acabam de comprometer-me. O homem saiu desesperado.

FREDERICO
Ele é incapaz de queimar-se: aquilo foi fogo de cavaco.

NOGUEIRA
Eu responsabilizo-me pelo resultado.

TRINDADE (*levantando-se da cama*)
Esteve riquíssima a pagodeira. Ó Nogueira! tu viste a cara com que saiu o Jacó? O homem saiu *vraiment* indignado! Ó Frederico! passa a garrafa, e vamos beber à saúde do Jacó. Ora esta, homem, quem me vir é capaz de apostar que estou bêbado.

FREDERICO
Qual, não tens nada: estás somente com um fardão de grande gala.

MACEDO (*passeando*)

Vejamos qual é o desfecho desta tragédia.

NOGUEIRA

Eu já te disse que não te maces; deixa correr o negócio por minha conta.

NEVES

Mas que diabo de cinismo: eu não os entendo.

TRINDADE

Nem eu tampouco, meu amigo.

NOGUEIRA

Pois eu lhes explico, meus amigos. O Macedo deve 300\$000 ao Jacó, ele veio cobrá-los, e nós tocamos-lo a cachações pela porta fora. É uma coisa muito natural, e que nada tem de extraordinário: seria extraordinário se o Macedo pagasse a dívida e o deixasse sair impunemente.

TRINDADE

Lá isso é; tem toda a razão. Mas que diabo tenho eu que está tudo a andar-me à roda? E esta? parece-me que tenho tanta gente na minha frente; dar-se-á o caso que eu esteja em aula? O Araújo! dá-me o compêndio, e passa-me uma lição que eu estou *in albis*.

FREDERICO (*segurando em Trindade e procurando levá-lo para a Cama*)

Vai-te deitar, Trindade, que tu estás meio incomodado.

TRINDADE

Quem? eu incomodado? O Frederico! não me insultes; olha, eu vou aqui à república vizinha, e vê só a certeza com que ando. (*Vai cambaleando para o fundo da cena, e encontrando-se com Jacó, que entra com um oficial de justiça, atira-o ao chão*)

CENA XIII

Os mesmos e Jacó e um Oficial de Justiça.

JACÓ

Não há dúvida — este sujeito está tocado.

TRINDADE

Levante-se, que eu não brigo com homem deitado.

JACÓ (*levantando-se*)

Pois, meus senhores, agora espero obter um melhor resultado, porque trouxe uma boa carta de recomendação de pessoa influente, a quem os senhores não podem deixar de servir. (*Tira do bolso uma citação, e entrega a Macedo*)

MACEDO (*lendo*)

É uma citação; eis o desfecho terrível que eu esperava de tudo isto.

NOGUEIRA

Uma citação!

JACÓ

Quando vim pela primeira vez já a tinha comigo; pois sabia perfeitamente que o senhor Macedo havia de esquivar-se ao pagamento da dívida; porém o acolhimento benévolo que aquele senhor (*Apontando para Trindade*) prodigalizou-me obrigou-me a ir pedir o auxílio da justiça para fazer valer o meu direito: é a razão por que volto agora com este senhor.

MACEDO

E julga o senhor que vem fazer valer o seu direito quando usa de uma infâmia?

FREDERICO (*batendo o pé*)

Sim, é uma infâmia.

TRINDADE (*cambaleando para ele, e dando-lhe um arrote na cara*)

É um desaforo; é uma vinagreira.

JACÓ Será tudo o que os senhores quiserem.

NOGUEIRA

Pois bem, se eram os seus desígnios comprometer a reputação sem mancha de um moço, fazendo-o comparecer perante uma autoridade por um motivo que o difama e extorquir depois, abrigado à sombra da lei, o dinheiro que lhe roubou, se eram estes os seus desígnios, senhor Jacó, fique convencido que nunca os realizaria. Eu já volto. (*Sai precipitadamente*)

CENA XIV

Trindade, Jacó, Frederico, Macedo, Neves, depois Nogueira.

JACÓ (*à parte*)

Eles todos falam em dignidade, em vinagreira e dizem tudo o que lhes vem à boca, mas quando têm de bater o cobre, vêm com desculpas, quando não dão para atrevidos.

MACEDO

Então com que o senhor esperava que eu havia de esquivar-me ao pagamento da dívida? (*Com furor*) O senhor é bem ordinário.

JACÓ

Ora, senhor doutor, isto não vai a zangar.

FREDERICO (*à parte*)

O que iria fazer o Nogueira em casa?

TRINDADE

Estes credores são temíveis!

MACEDO

É bem triste a minha posição, porém a sua ainda é mais, é degradante. Diga-me, finalmente, senhor Jacó, o que pretende fazer?

NOGUEIRA (*entrando apressado*)

Coisa nenhuma. (*Para Macedo*) Aqui tens o dinheiro que te devo.

MACEDO

Dinheiro que me deves?

NOGUEIRA (*em voz baixa*)

Cala-te e aceita. Senhor Jacó, a sua dívida vai ser satisfeita, mas antes de tudo há de ouvir-me. Há ladrões que, embrenhando-se pelas matas, assaltam os viandantes de pistola e faca; há outros que roubam de luva de pelica nos salões da nossa aristocracia, estes têm por campo de batalha uma mesa de jogo; há outros, finalmente, os mais corruptos, que são aqueles que, arrimados a um balcão, roubam com papel, pena e tinta. O senhor faz honra a esta última espécie: é um ladrão e um ladrão muito mais perigoso do que os outros. Dê-me essa letra, documento autêntico de sua infâmia e tome o seu dinheiro. (*Tira o dinheiro da mão de Macedo, e esfrega-lhe na cara*)

JACÓ

Ora, senhor doutor, não se zangue; deixe-se de brincadeiras.

MACEDO (*abraçando Nogueira*)

Obrigado, meu amigo, obrigado. Acabas de provar que tens uma alma grande e generosa, que, no meio dos risos e folguedos próprios da nossa idade, não olvidas esses sentimentos sagrados, que tanto enobrecem o coração do bom amigo. Obrigado, obrigado.

JACÓ (*que durante esse tempo está contando o dinheiro*)

Está exato. Agora vamos fazer outra visita. O dia está feliz.

NOGUEIRA

Ponha-se fora.

(Todos tocam Jacó pela porta fora)

TRINDADE

Viva a pândega! *(Cai na cama)*

NEVES *(olhando ao redor da cena)*

Que cinismo!

(Toca a orquestra a última quadrilha da “Corda Sensível”; dançam todos o Cancã)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com